



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

11 de Agosto de 2001 • Ano LVIII - N.º 1498
Preço 60\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

BENGUELA

Ainda o registo de nascimento

QUEREMOS ir até onde pudermos. É difícil reconstruir a partir do caos onde se aninham costumes contra a lei natural. É um direito dos filhos ter o nome dos pais no seu registo de nascimento. Crianças sem número, na sociedade onde estamos, nascem, crescem, são homens e mulheres sem conhecerem o nome daquele que as gerou. Devem ser chamados a contas pela força da lei, se for preciso.

Compreendo as limitações resultantes da guerra, com os amontoados de pessoas fugidas das suas zonas de origem. A promiscuidade é a fonte, também, da agressão frequente contra o direito das crianças ao nome do pai. Falo do pai, porque acontece quase sempre a falta do pai e não da mãe. Não podemos calar esta injustiça. O pai existe. Está vivo, mas foge à grande responsabilidade que contraiu. Quem o procura? Quem o identifica? É mais fácil ir à busca de alguém que cometeu alguma infracção contra as regras de trânsito do que procurar o criminoso violador do direito da criança.

Compreendo as limitações, mas não posso aceitar o silêncio, como já disse e escrevi, sobre assunto tão importante para os filhos. Olho o presente, mas tenho em vista a preparação do futuro, à medida em que as condições anormais venham a desaparecer. O ordenamento jurídico do País há-de ter em conta, com mais eficácia, a busca do remédio para um mal que é endémico, também. É preciso chamar a contas quem foge à responsabilidade de cuidar dos filhos que ajudou a vir ao mundo. São inocentes. Não pediram para nascer. Gerar, criar e educar são momentos inseparáveis do mesmo processo. Onde está a lei? Quem a faz cumprir?

Fico feliz quando as mulheres começam a reagir contra a exploração escandalosa do seu corpo por homens que buscam, apenas, o seu prazer e fogem da responsabilidade que os seus actos acarretam.

Antes de escrever estas notas, uma que trabalha em nossa Casa veio ter comigo para me falar. Tem seis filhos. Nenhum está registado com o nome do pai. Está vivo. Sabe quem é, mas não tem força para ir mais adiante. O homem andou por lá e, de novo, a procurou. A mulher disse-lhe que não. Despertou para a sua dignidade de mulher, tantas vezes violada. Ainda é tempo. Oxalá encontre ajuda para se manter firme. Da nossa parte garantimos-lhe o pão de cada dia.

Porque há tanto empenho da nossa parte neste combate pela dignidade da mulher? É uma causa nobre. O levantamento de Angola depende, também, duma forma decisiva, da mulher angolana. Mais: uma parte da carga que levamos, com decisão, sobre os nossos ombros é feita pelas mães com seus filhos que nada têm. O combate mais eficaz aos males faz-se na raiz. Assim na sociedade, também. Na família está a fonte de muitos males sociais. Vamos à família.

É um bem, para a Nação, o Ministério da Família e Promoção da Mulher. Oxalá desça cada vez mais ao terreno onde os problemas são mais agudos. A sua acção é, sem dúvida, uma gota no oceano.

Outro dia, o pai veio dizer-me que seu filho estava com anemia a tal ponto que necessitava de transfusão de sangue. Mandei preparar tudo: o saco para o sangue, a pessoa que devia dar o sangue, sistema completo, agulha, algodão, tudo..., que o hospital não tem nada. Estais a ver o calvário que esta gente percorre, se não tiver quem lhe dê a mão! Ele mesmo foi buscar a criança e a mãe. Seguimos em nossa carrinha que, mais uma vez, serviu de ambulância. Senti-me ajudado a fazer muito mais ao ver o carinho com que o pai e a mãe abraçaram e beijaram o seu filho. Os dois juntos! O filho está vivo. O pai continua a trabalhar em nossa Casa. Vivemos na esperança.

Padre Manuel António



Os gaiatos de Benguela numa praia muito característica.

CALVÁRIO

O pássaro e o trolha

PERCORRENDO a nossa quinta, sob a copa das ramadas, carregadas de cachos de uvas ainda verdes, avisto no chão um pequeno pássaro tentando erguer-se sem o conseguir. Olho para os galhos das videiras e deparo com um ninho de onde aquele acabava de cair. Pego com jeito no pássaro e deponho-o no tufo de ervas secas ajeitado pelos pais desta criatura insignificante. São uns gramas de penugem macia este pequeno melro. Que havia de ser? Eles são tantos na quinta, este ano!

Ao deixá-lo, dou comigo a pensar num doente que chegou, há dias. Também ele tombou. Era trolha. Trabalhava na construção civil. Vivía só, pois os pais já lhe faleceram. Ia ganhando a vida sem grandes cuidados consigo próprio. Solitário, refugiava-se no álcool. Certo dia, durante o trabalho, caiu inesperadamente dum andaime e ficou muito mal tratado. Sofreu traumatismo crânio-encefálico. Não possuía seguro para acidentes desta natureza nem outras regalias sociais. Não sei como vão as coisas pela justiça, pois ninguém me forneceu informações. Também não as procurei. Recebi o doente simplesmente e coloquei-o como ao pássaro num leito do Calvário entre irmãos com passado semelhante.

Pelo seu comportamento actual vê-se que é um homem irrequeto, que perdeu a consciência do tempo, do espaço, da situação grave em que tombou.

O Calvário tem um nome que perturba, que afugenta, mas que é sinal de redenção. E esta passa, tantas vezes, pelo inesperado, pelo indesejável, pelo sofrimento, pela dor.

Os caminhos de Deus para o homem só Ele os conhece. O nosso viver e o nosso sofrer brotam sempre de Deus que nos ama, que nos ama em todas as circunstâncias mesmo adversas. Do mistério da vida só isto nos é dado conhecer. Só esta é a grande certeza.

Vamos ver como podemos ajudar este pobre rapaz.

Pássaro caído numa encruzilhada da vida! Pássaro que só o amor levanta e acolhe.

Volto ao ninho. O pássaro está feliz com a mãe a seu lado.

Padre Baptista

ONTEM, à hora em que toda a gente devia estar na praia, enquanto verificava se os trabalhos de pintura estavam acabados em todas as dependências da casa da Arrábida, fui dar com quatro rapazes metidos no mesmo quarto a ouvir música.

Nada de anormal, se fossem horas disso.

A música, se for boa, é uma comunicação que eleva a alma, sublinha os sentimentos e enobrece os jovens.

Bati à porta do quarto e, logo, a música se calou. Adivinhei o sobressalto e a atrapalhação dos rapazes que nascia exactamente do desajustado da hora.

MOMENTOS

A mentira

Um dos mais pequenos raspou-se para a varanda, dois ficaram entre as camas compondo as cobertas e ajeitando os altifalantes enquanto o Barroso se estatelou ao comprido escondendo-se por debaixo de uma cama.

Apanhados em flagrante, valer-lhes-ia simplesmente irem para a praia com uma simples chamada de atenção e um recado ao chefe para

que estivesse atento, como aconteceu, mas o facto de o faltoso se ter escondido perturbou tudo.

O Barroso é distribuidor do Jornal. Tem merecido a nossa confiança. É embaixador da Casa do Gaiato, andando na rua a distribuir o *Famoso*. Passou para o sétimo ano. Tem qualidades de liderança e goza de muita estima nossa e, sobretudo, dos seus padrinhos

que são muito amigos dele, e nossos.

Que estava a ligar a ficha. Que não se estava a esconder. Que eu fosse ver a tomada na parede, ao lado da cama, na parte de baixo.

Em Casa travamos uma luta sem tréguas contra a mentira. Os rapazes sabem-no. Todos os dias aparecem mentiras. Todos os momentos são de guerra

aberta contra a pecha da actualidade, a filha legítima do diabo. Ele é nos tribunais, nas palestras, na oração, no trabalho. A mentira tem-nos pela frente sem medos, a qualquer hora.

O pior dos males de hoje é a mentira. Ela é a raiz e a fonte de todos os males. Se não houvesse mentira no meio dos homens nem sequer eram necessárias as

Casas do Gaiato, pois a miséria desapareceria. Esta é sempre uma derivação da mentira. Temos um nojo dela, maior que do mais podre dos excrementos.

Uma hora depois celebri com a comunidade veraneante. O Evangelho trazia-nos à memória viva a disposição do Senhor na oração do Pai Nosso.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VIÚVA POBRE — A sua família é numerosa, dispersa. Só um filho se prontificou a conseguir-lhe guarida, prevenido, no entanto, o que iria acontecer: ela seria posta na rua! Por isso, com tempo, pôs-nos o problema, dado que as casas do Património dos Pobres são tão desejadas, ainda, por muita gente.

A moradia que vamos ceder à pobre mulher está em obras. É a Casa dos Funcionários das Obras Públicas da Beira (Moçambique), implantada sobre o Vale do Sousa, de cujo monte se divisa uma rica paisagem. Pai Américo trouxe a dita — como muitas outras — da viagem que ambos fizemos a África, em 1952.

Obviamente, o prédio terá cinquenta anos. Agora, adicionámos-lhe mais um quarto. Substituímos a velha caixilheira; murámos, com tijolos, toda a área do terreno para se evitar confusões...; e montámos, ainda, nela, um adequado quarto de banho com os necessários pertences, etc. Obra que apesar da sua economia, custará mais de três mil contos!

Guardada está a moradia para esta mulher que sofre, na carne, no espírito, os problemas da sua condição de viúva. Por isso, elas, as viúvas, são eleitas pela Doutrina cristã.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho, 64.500 exemplares.

VOZ DO PAPA — Dirigida a religiosos(as):

«Os homens do nosso tempo esperam voltar a escutar o anúncio que brotou dos lábios de Maria Madalena na manhã de Páscoa: 'O Senhor ressuscitou!' Necessitam de apóstolos que, como sucedeu nos alvares da fé, anunciem hoje Cristo único Salvador do homem, e proclamem com vigor que a Sua morte e a Sua ressurreição dão a todos a possibilidade de esperar e viver com plenitude.»

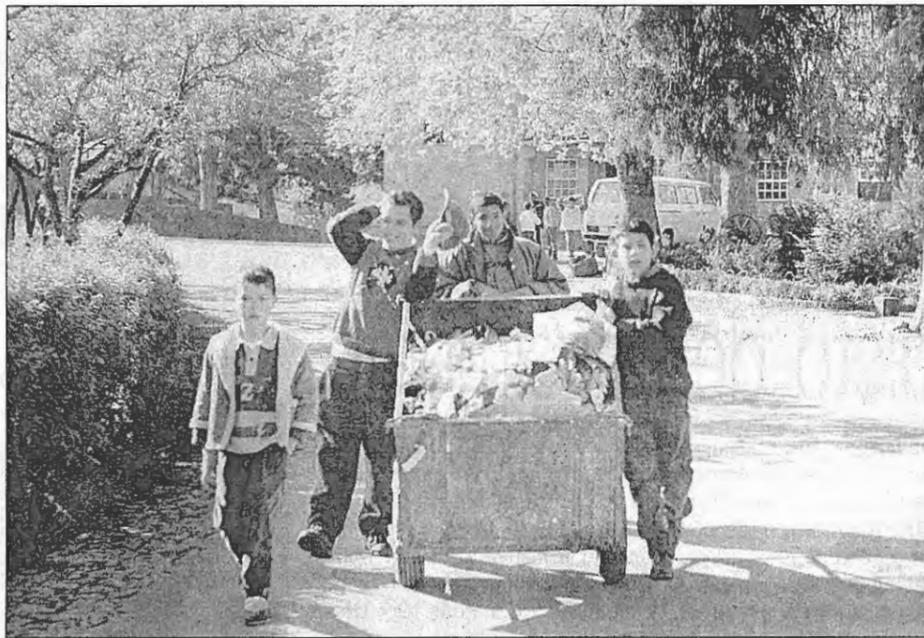
«Não se pode esquecer que há inumeráveis homens e mulheres que ainda não ouviram o Nome de Jesus e aos quais nunca se ofereceu o dom preciosíssimo da Salvação. Todos os povos têm o direito de escutar a Boa Nova e a Igreja tem o solene dever de ir a todos os lugares proclamar a mensagem salvadora de Cristo Jesus.»

PARTILHA — Cheque de dez mil, enviado pelo assinante 59525, de Gueifães (Maia), «excedente de contas d'O GAIATO, para o que acharem mais necessário. E Deus vos ajude a acolherem todo esse trabalho, tão dignificante, de ajuda aos mais necessitados». Agradecemos.

Luso: Outro cheque, agora de cinco mil, contributo do assinante 53241, para «as necessidades mais prementes dos Pobres que são do vosso conhecimento. Basta uma comunicação através da vossa coluna n'O GAIATO para eu saber que o dito cheque chegou às vossas mãos».

A assinante 20856, de Espinho, presente com dez mil, «contribuição do primeiro semestre de 2001 para as necessidades da Conferência».

Vila Real de Santo António: O mesmo, «para ajudarem nos



Eis o veículo mais desejado da pequenada que limpa a nossa Aldeia — a brincar!

medicamentos da viúva a que fazem referência na edição de 30 de Junho. Não é preciso agradecerem. É um pouco do que Deus me dá, na Sua bondade infinita.

«Para algumas necessidades mais urgentes», vinte mil, da assinante 22103, de Santo Tirso.

Teixoso: «Uma pequena contribuição, do assinante 70456, para os carenciados que injustamente menos têm».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, alc do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — O primeiro turno já regressou da praia de Azurara. Muitos com vontade de por lá ficarem mais um tempo, mas há muitos outros para lá irem gozar férias.

O tempo do primeiro turno nem sempre foi o melhor, aliás, houve dias de chuva, mas correu tudo bem, sem anomalias e ainda se furaram muitas ondas!

VISITAS — Na semana passada recebemos um grupo de jovens da Faculdade de Biotecnologia da Universidade Católica do Porto que vieram divididos em três grupos para conhecerem a nossa Casa, um pouco da nossa vida e também conviverem connosco.

Esteve cá um outro grupo, de Guimarães, que acampou ao lado do campo de futebol. Organizámos um jogo convívio. Disputámos uma bela taça que nos escapou; tiveram mais sorte e venceram. A equipa dos mais pequenos perdeu por 5-4.

HORTA — Começou a colheita das cebolas. Não estão más!... Amanhã começa a das batatas... numa altura um

pouco difícil — o calor dificulta a tarefa ainda mais.

Daniel Leite

DESPORTO — Diz o velho ditado, e é verdade: «Até ao lavar dos cestos, ainda é vindima». Dissemos que tinha acabado a época 2000/01. E não deixa de ser verdade em termos de calendário futebolístico, só que apareceu o grupo Gondar Jovem que veio acampar à nossa Aldeia, um fim-de-semana, e fazia parte do seu programa um desafio de futebol. Assim aconteceu. Disseram que eram rapazes de 15/16 anos, mas, afinal, a maioria deles deveria ter... Quando, à hora do jogo, deparei com eles, bom, não tinha nada a ver!...

Tivemos dois árbitros. O primeiro foi o Quintino, que precisa um pouco mais de pulso para aquela profissão. O segundo e porque na primeira parte o jogo esteve um pouco duro, pedi ao Teixeira, que mais uma vez estava presente, para que ocupasse aquele lugar, ao qual acedeu prontamente. E realmente foi um pouco diferente. No final, desabafou e tem toda a razão: — Não estamos habituados a perder e não sabemos... (alguns) perder com dignidade. É necessário um pouco mais de respeito por aqueles que gostam e se dedicam ao desporto pelo desporto. Aquele penalty que foi assinalado contra nós, e bem, só existiu porque o «Truta» se preocupou mais com o homem do que com a bola. Aliás, durante o jogo o seu comportamento não foi o mais correto. Só no final do encontro é que soube o que se passou. Lamentamos e pedimos desculpa. Fez a despedida da equipa de Iniciados, em termos futebolísticos, pela porta pequena. No entanto, pelo que fez durante a época, podia ter saído pela grande. Não entendo como é que fora do campo consegue ser um bom rapaz e dentro muda o seu comportamento para pior. Talvez seja caso para conselho de disciplina!...

Estamos em alturas de praia e alguns já para lá estão. Por tudo isto e também por muita

falta de humildade da nossa parte, foi o jogo em que à equipa de Iniciados tudo correu menos bem, durante e no fim do jogo. Não porque tivesse acontecido nada de maior, mas esteve longe, e muito, da postura correcta a que nos habituamos no decorrer da época.

Já na segunda parte e também na primeira, pedimos ao treinador dos mais velhos autorização para que alguns deles fizessem parte do nosso plantel, a fim de tentar salvar a «honra do convento», como se costuma dizer, mas não foi o suficiente para evitar a derrota, mesmo com todo o seu esforço e boa-vontade. Não deixamos por isso de reconhecer a bonita atitude de todos aqueles que acederam ao nosso pedido.

Também neste fim de época, fizeram-se obras no nosso balneário, alargou-se para o dobro o espaço que inicialmente estava reservado para as camadas mais jovens. Depois da devida autorização superior, falámos com o Quim «Carpinteiro» que se encarregou de tudo. Temos mais espaço e mais parteleiras. Obrigado Quim, por mais uma vez teres colaborado. Nunca te canses de colaborar, desde que seja para benefício de todos. Agora, é o Luís Ângelo e o «Teixugueira», assim como um ou outro voluntário, a colocar tudo no seu lugar. Não tem dado pouco que fazer, mas quando se trabalha por amor à causa, tudo se faz sem grande custo!...

Alberto («Resende»)

TOJAL

FÉRIAS — O primeiro grupo já está de regresso. Os mais novos ficaram mais uns dias de férias, pois eles bem merecem. E mais contentes, porque têm um beijo de boa noite de pessoas carinhosas. O nosso muito obrigado por terem o coração aberto para quem precisa.

PINTURA — Os rapazes começaram por pintar a casa mãe, para os «Batatinhas» encontrarem a sua camarata bonita. Mais uma semana e acabam, partindo para a próxima casa.

ANO LECTIVO — Terminou. Muitos tiveram a felicidade de festejar, porque conseguiram os objectivos. Outros nem por isso! Tiveram dificuldades de adaptação e não passaram.

Abílio Pequeno

BENGUELA

AULA DE DESENHO — Os rapazes que gostam de desenho, agora estarão bem. Vem até nós uma leiga, muito nossa amiga, dar-lhes um curso de desenho artístico, o que é muito bom, pois que desenhar é uma bela arte. Esperemos que aproveitem o máximo porque precisamos aqui de desenhadores profissionais.

DESPORTO — O nosso polivalente deu um grande passo. Tudo isso, graças ao nosso Padre Manuel que disse ao sr. Engenheiro que, numa primeira fase, interessava-lhe ter o campo já acabado antes de 16 de Julho, dia da nossa festa; e que o resto ficaria para depois. E nós estamos muito contentes porque já poderemos praticar um lindo desporto: o basquetebol.

Este desporto é uma grande paixão para alguns dos nossos rapazes. No polivalente praticaremos diversas modalidades como o futsal, andebol, hóquei em patins, etc.

Os nossos atletas estão de repouso, no campeonato, e isso é muito bom porque recobram novas forças. Mais: do treino depende a preparação física deles.

Esperemos que comecem bem os próximos jogos, depois deste belo repouso.

CAMPO — Eu avisei que, desta vez, as coisas no campo haviam de aquecer e com uma certa razão porque estão a fazer a plantação do tomate. Todos conhecem e sabem que este fruto é um alimento muitíssimo rico em vitaminas e proteínas. Agora, poderemos fazer o saboroso refogado e a linda salada, coisas muito boas.

Como vedes, o tomate é um alimento necessário. Sem ele, a nossa alimentação não seria tão gostosa e saborosa.

FESTA DA OBRA DA RUA — Reservei este espaço para o grande acontecimento a 16 de Julho.

É o dia mais importante da nossa Casa porque o nosso Fundador foi ao encontro do Pai, isto é, ao encontro de Deus.

RETALHOS DE VIDA

«Gadanha»

Eu sou o Vítor Manuel de Matos Antunes, mais conhecido por «Gadanha». Nasci em 17 de Abril de 1991. Tenho dez anos e sou natural de Avanca, concelho de Estarreja.

Antes de vir para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, vivia com os meus pais, a minha tia e duas irmãs.

Uma assistente social trouxe-me para cá porque eu nunca ia à Escola, antes queria ir para os pinhais, andar de bicicleta e outras coisas mais. Eu também mentia aos meus pais.

Um dia, a professora foi a minha casa fazer queixa de mim. O meu pai falou então com a assistente social e resolveram trazer-me para a Casa do Gaiato.

Eu gosto de estar cá, nesta Obra, conhecida por toda a gente. Vou à Escola. Estudo. E pertenço ao grupo da lenha. Não tendo serviço, brinco no parque. Quando for grande quero ser pedreiro.

Vítor



A Família

NO contexto das fragilidades que o nosso tempo provoca a esta Instituição primeira, fundamento insubstituível da estabilidade social, avulta este documento — luz que não podemos deixar de pôr sobre o candelabro. Subscreevo-o um pai de sete filhos, avô de vários netos; e com ele confirma o arrebatamento do Poeta: «Coração oposto ao mundo, / como a Família é verdade!» Sim, «é verdade que é bom sentir e viver uma linha de continuidade de gerações» na qual se dá e se recebe «em cadeia ininterrupta que muito contribui para a formação dos caracteres». É bom, é salutar!

Obreiro de dezenas de anos no Caminho de Ferro de Benguela, onde terminou a sua carreira no posto cimeiro, em tempo tão conturbado como ainda é — nem então, nem depois, as preocupações profissionais, os cuidados familiares, lhe foram motivo de dispensa da atenção em obras aos mais pobres. Foi como vicentino que o conhecemos no Lobito, há cerca de quarenta anos. E ao serviço dos outros gastou a sua vida até ao fim, que Deus lhe deu a graça de ser como desejava e mereceu: «Servo fiel encontrado vigilante quando o Senhor chegou». Feliz, pois!

Também nós sentimos saudades suas e a sua falta, Senhor Engenheiro Lamas de Oliveira. Mas certos da sua amizade e da sua eficácia acrescida, agora que os seus braços (que nunca foi seu jeito deixar caídos) estão para sempre erguidos diante do Senhor da Vida, em favor de todos aqueles que neste mundo amou.

Padre Carlos

Para todos os meus filhos

«Os meus filhos são os naturais, únicos e universais herdeiros. Consequentemente, surgir-lhes-á o encargo de ter de tratar de actos maçadores, mas inevitáveis, a seguir a um falecimento; e é no sentido de os ajudar nesses trabalhos que escrevo este texto.

Antes de continuar, gostaria de exprimir algumas ideias dentro da comunhão que a todos nos liga e que, graças a Deus, tem presidido às nossas relações. Considerando que a minha vida não pode designar-se curta e que todos os filhos ultrapassaram já a idade de admiração espontânea pelo pai, que termina na juventude, é natural terem sentido algum desgosto com uma ou outra reacção minha, perante situações de vida em geral, ou perante casos particulares de cada um.

Aceito esse sentimento e peço desculpa. Eu próprio reconheço algumas faltas e precipitações, faltas de serenidade ou outras, de alguma forma ter sido espinho. Apenas posso dizer que não me lembro de agir com intenção que não fosse construtiva, o que não significa que o acto praticado tenha

sido sempre correcto. Fraquezas humanas. Renovo o pedido de desculpa por essas minhas falhas.

Eu sei que a morte, pelo definitivo que contém, provoca emoção mesmo quando se trata de pessoa desconhecida; e pode ser dolorosa se ligada a pessoa estimada. Sei que é assim. Mas peço a todos que procurem dominar e vencer essa emoção humana já que espero em Deus poder partir com um pensamento em que acredito firmemente: a morte é um renascimento, uma primavera!... Um desabrochar de toda uma nova e feliz vida no seio de Deus. E não digo isto por fé cega e tola.

Há períodos da vida em que tendemos a só ter certezas e, mesmo, a sentirmo-nos seguros de nós mesmo como pessoas. Mas a experiência, com a diminuição dessa fase de pujança da vida, as limitações que vamos reconhecendo, a decadência inevitável, ensinam que somos vulneráveis e fracos, que a tal segurança era simples «pe-neirice» ingénua. Mas, se vamos reconhecendo que somos vulneráveis e fracos, também há a verificação de haver bem dentro de nós algo que nos transcende. Daí uma força serena para ultrapassar essa fase. É impossível que as enormes capacidades e aspirações profundas que fazem parte da pessoa,

mas que ela não criou, desapareçam com o que se chama morte.

E antes de entrar no objectivo final deste texto — facilitar actos indispensáveis após qualquer falecimento — desejo manifestar uma pequena vontade e fazer uma curta declaração.

Vontade. Usando expressão engraçada da Mãe, não desejo fazer turismo depois de morto. Onde acabar deverei ficar; na terra (os ditos jazigos de família não passam de materializações de desejos mal orientados) e num caixão simples, fechado logo que natural e possível, sem vestuário de exibição. Descalço. Também assim foi feito com a Mãe e em seguimento de sua vontade e de várias conversas que tivemos desde há muito, ainda em Angola. Passado o tempo adequado, a estrutura organizativa do cemitério se encarrega de libertar a sepultura e de remover os ossos.

E no seguimento do referido atrás, de primavera que começa, agradeço que façam celebrar missas, de sufrágio, sim, mas de alegria, com aleluia, como sinal do resgate e de redenção que se cumprem na Pessoa de Cristo. E na medida do possível, se evitem os aspectos sociais de luto, bem como despesas com coroas de flores. Que esses dinheiros sejam canalizados para assistir a necessidades de outros: Gaiato, Conferências Vicentinas, necessidades paroquiais, obras missionárias, sempre conforme os gostos de cada um.

As alianças da Mãe foram para o Gaiato e vou tentar providenciar para que as minhas tenham o mesmo destino. Não como objectos para serem conservados; mas para que o seu pequeno valor seja útil.

Declaração. Informo que a todos tenho no pensamento: todos os filhos e seus familiares, de descendência ou de adopção; e não só: também está a Mãe, avós e outros familiares e amigos que já partiram. É extraordinário como é fácil ter a todos no pensamento e no coração! Como por natureza não sou muito expansivo, é provável que esta declaração provoque alguma surpresa. Mas é uma verdade.

E é verdade que é bom sentir e viver uma linha de continuidade de gerações: de uns se vai recebendo; e a outros se vai transmitindo uma cadeia ininterrupta, que muito contribui para a formação da personalidade e dos caracteres.»

DOCTRINA



O silêncio é justamente a pedra de toque da nossa Obra!

EM primeiro lugar, e para já, pede-se ao Mundo muita simpatia pela sorte da criança dos caminhos. Pede-se uma acção pronta e decisiva a favor dela, que a oportunidade vale cem por cento. Que a massa das ruas seja amanhã por nós e não contra nós. Que se levante para nos abençoar em vez de amaldiçoar. Que não se degrade mais; que não se perverta mais com os nossos exemplos mai-las nossas lições. Eis o de que nós necessitamos.

Ea par dessa tremenda força revolucionária, queremos mais algumas escovas de dentes e algumas toalhas de rosto e alguns metros ou retalhos ou peças de pano que dêem para camurcinhas de Verão, cores e desenhos diferentes. Outrossim, lembramos o edifício das oficinas e da Capela; o homem perfeito e completo tem de bater as duas asas — trabalho e oração.

UMA senhora topou-me e disse-me: — Tome lá este relógio de ouro que me deram para si. É esmaltado e a sua origem parece esconder-se na poeira dos séculos, como diria um orador de nomeada, se houvesse de o descrever. Não se sabe quem o deu. O silêncio é justamente a pedra de toque da nossa Obra; e que pedra! Os diamantes de hoje foram séculos de silêncio misterioso no seio da Natureza.

MAIS um donativo de dez contos, fruto de duas palavras em *O Comércio do Porto*, firmado com um X. Esta letra marca a incógnita do Mundo, sim, mas para Deus tudo é conhecido. Mais: As nossas dádivas não valem pela quantidade, mas sim somente pela maneira como Deus as observa. Assine sempre com um X, meu senhor, em actos semelhantes, que não assina de cruz.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

Podeis perguntar: — Porque celebramos o dia da morte em vez do seu nascimento? A verdade é que não há maior alegria do que nos encontramos com o Pai ou com Deus. O dia do nascimento também é importante, mas não tanto.

Às vezes, temos que adiar, outras vezes antecipar a festa e isso não nos alegra muito, porque gostaríamos de celebrá-la no dia marcado — o 16 de Julho.

M. S. A.

MIRANDA DO CORVO

PRAIA — O primeiro turno foi no princípio de Junho. Os dias não têm estado lá muito agradáveis. Até parece Inverno. Mas apesar disso temo-nos divertido bastante com outras actividades e jogos. Nesta altura outros rapazes já seguiram. Deus queira que tenham melhor sorte com o tempo.

AGRICULTURA — Já colhemos a nossa batata. Foi bastante boa. O nosso milho está muito lindo: alto e verdinho. Promete uma boa colheita, se Deus quiser. Também já colhemos a cebola. Foi uma boa colheita. As nossas latadas estão carregadinhas de uva. É uva de mesa e uva para fazer vinho. Esperamos que ninguém lhe toque antes do tempo. O aviário de Santa Cita ofereceu-nos pintos e patos que estão muito lindos. Também uma das nossas porcas pariu uma bela ninhada de leitões.

OBRAS — Estamos a adaptar a nossa salinha velha para dispensa. Faz-nos muita falta ter um sítio mais perto da cozinha para arrumar as coisas e os comeres.

VISITAS — Gostamos muito de receber visitas. Este ano vieram cá muitas excursões que dizem que a nossa Casa é muito bonita. Trazem sumos, comida, roupa e amizade para connosco. Jogam também à bola. Venham sempre.

«Vitinha»

Os adolescentes

*Os adolescentes
Sem orientação
Realizam experiências
Que lhes marcam as mentes.*

*Sem educação,
Refugiam-se nos vícios...
E sofrem a saturação
Dos seus próprios esquemas.*

*Sem guia,
Expõem-se a má vida
E depois sofrem
A angústia e o desespero.*

*Mas um dia, mais tarde,
Pelo preço dos seus erros
E seus males,
Adquirem conhecimentos,
Renovam as suas vidas
Praticam melhores eventos!
E... o futuro será deles!*

Manuel Amândio

Momentos

Continuação da página 1

Santificado seja o Teu Nome. Venha o Teu Reino... Perdoa-nos como nós perdoamos... Não nos deixes cair em tentação.

Tudo era actual: Dor, verdade, miséria. O homem e a sua fraqueza. O apelo divino e a incapacidade humana. O perdão e a paz.

A gente reza, desafoga, alivia, encontra-se com a Verdade e a Força. É a nossa celebração.

A seguir o jantar: salada de alface, tomate, cebola e queijo mais arroz com carne e sobremesa de mousse.

Os rapazes enchiam a sala de alegre convívio e satisfação. Eu entrava na conversa disfarçando a minha interioridade: — Remoía o Barroso, a sua queda e a sua conquista — enquanto ria e cavaqueava: — Irei fazer um tribunal público ou

privado? — Optei pelo privado.

O que interessava era sobretudo conquistar o adolescente. Juntámo-nos, os quatro, no bar, imediatamente a seguir à refeição.

Ao Nuno e ao Luís, dirigime para criar ambiente, depois de os fazer sentar:

— A música era de pilhas ou de corrente eléctrica?

— De pilhas.

— Fulano estava a ligar a ficha ou a esconder-se?

Os dois encolheram os ombros, fecharam e abriram os olhos, acariciaram a cara e, a medo, foram dizendo: — Acho que se estava a esconder.

— Então, Barroso, estavas a ligar a ficha ou a esconder-te?

— A esconder-me.

Acabou tudo. A mentira estava derrotada e o rapaz ganhou.

Padre Acílio



Lagoa maior e mais recente da nossa Casa do Gaiato de Malanje

TRIBUNA DE COIMBRA

Partilha

COMPRAMOS uma carrinha nova. Veio mesmo a calhar a ajuda que uma amiga nossa, de Coimbra, nos fez chegar. Bafejada pela bênção de Deus por intermédio de Pai Américo, cumpriu a promessa. Não meteu tudo para o saco para deixar aos descendentes, mas, ainda, em vida, repartiu com a liberalidade do Evangelho. Assim procedem os que vivem a verdadeira sabedoria neste mundo e preparam serenamente a morada futura. Como ela, em proporção menor, marcaram presença ao longo destes últimos meses, D. Auta, com cinquenta contos que tantas vezes tem multiplicado, a recordar a saudade da sua irmã que o Senhor já tem junto de Si. Presença pontual de Santos Minga. Mensal a de M. Duarte de Mira. Oportuna, a de Maria Adelina com o pensamento nos casos do Património. Assim também — há que anos! — a da Dr.^a Isabel, do Alto Alentejo. De Castelo Branco, a «ti Domingas» com o vale de 9.500 escudos, mais a carta habitual cheia de sabe-

doria e humor sadio... 100 mil, de Rui Abel. Diário, 10. Esmeralda, 55. Mais 80 mil, de Fernando. A Soporcel, com 300. D. Helena, do Luso, 5. Dr. Luís F., de Coimbra com 100. Maria Graziela, de Lisboa, preocupada com tanto esbanjamento e ostentação públicas, manda o que pode, por vezes sem conta. O nosso amigo ourives, de Coimbra com os habituais 50. Das partilhas dos bens de família, amigo nosso com 1.200 contos. É melhor fazer o bem enquanto é tempo. De assinaturas, A. Apóstolo, de Condeixa, mandou 25.900 escudos. Adelaide, de Rio Tinto, 12. Mais uma presença habitual de F. Ganhitas com cinco contos. Outros 10 mil, de V. Hugo, de Rio Maior. Escola

Secundária de Júlio Dinis, de Ovar, com cheque de 85.700 escudos e a respectiva visita. De notar a presença pontual de Sá C. Gil e a discreta de L. Cardoso, com 100. Assinaturas de Monforte da Beira somaram, no cheque enviado pelo Padre V. Beirão, 76.500 escudos. Escola Secundária de Vila Nova da Barquinha, visita e ofertas várias. No dia da Homenagem ao nosso Padre Horácio, na Lentisqueira, 62 contos e a comissão da homenagem mais tarde entregou cerca de 600. Mais 37 da Escola Secundária EB 2/3 de Santa Cita. Mais 58.700 escudos da Escola de Caxarias. Presença discreta e preocupada de Imelda, de Castelo Branco, com o respectivo cheque. Álvaro, de Pereira do Campo, não falta mensalmente. Mais 50 mil, de M.^a Duarte, de Tomar. O nosso amigo Gilberto, da Pampilhosa do Botão, com 5. De Cebolais, o casal amigo, com a respectiva colaboração e à espera de uma visita.

Idem, da Covilhã. De Espite, bastas vezes o nosso amigo com notas e mimos p' rós meninos. Não queremos esquecer também a presença de Maria Alice, de S. Jorge. Mais 80 dólares de emigrantes. Frangos e patos do Aviação de S. Cita, que aqui criamos e depois de gordinhos condutam as nossas refeições. Roupas de todos os tamanhos. Idem, de sapatilhas e sapatos. A partilha diária de produtos que aproveitamos oferecidos pelo Continente de Coimbra. A oferta pontual do Banco Alimentar de Coimbra. E, agora, na Praia de Mira, a gente da Lentisqueira não tem esquecido «os meninos»: legumes, fruta, pão e muitos outros mimos.

Agradecemos ao nosso Deus tanto bem que contemplamos e pedimos nas nossas pobres orações por todos os que trazem no seu coração as nossas preocupações e necessidades que são de todas as horas e dias.

Padre João

PENSAMENTO

É mais fácil dar na rua do que procurar o Pobre em casa.

PAI AMÉRICO



Do que são capazes os Pobres! Que potencialidades eles têm!

Malanje

Roque Santeiro

UMA poeira fina que se sente e mal se vê, alimentada pelo sapateado da multidão na feira. Tudo ali se vende: da comida à roupa; do ferro ao cimento; da bolacha ao tabaco; dos pneus às peças de carro. Confusão de falas que se misturam num marulhar de rio.

Crianças, bem atentas à menor distração das donas, roubam.

Valem as leis dos mais fortes, dos mais espertos e a comum — da sobrevivência.

É um mar de gente este *Roque Santeiro*! Se, cada qual, sua mibanga num campo de cultivo; cada qual, sua bananeira à beira dos riachos; cada um, sua flor plantada no quintal — seria uma avalanche de alimentos, de frutos e de flores! Mas quem pode esperar um ano de gestação? Mesmo, no próprio dia, cada família tem necessidade da sua ceia... Os grandes abrem a bocarra, os pequenos entram nos corais e continua o marulhar do rio e, por cima do capacete de cabeças humanas, a nuvem de poeira fina.

Roque Santeiro é o maior fenómeno social — jamais visto!

Naquele dia fui com o Zé. Não saímos do carro. Ele falou a um rapaz que queríamos arroz. Apareceu com três amostras: «Cinco sacos deste». Cinco minutos, sacos no carrão, Zé pagou, e foi o arranque e a corrida por entre os braços sinuosos do grande polvo.

Eclipse

A Lua tapou o Sol e ficou escuro na cidade do Sumbe! Um acontecimento e à volta deste, o redemoinho humano!

Vi, na televisão, o avanço da lua e, depois, os feixes de luz a irromperem, triunfantes das arestas de sombra.

Simple fenómeno natural... No início passei pelo grande mercado, totalmente deserto! As barracas das vendedeiras como esqueletos ao sol!

Como é possível?! Que força tem aqui a palavra «Magia»! O som do feitiço — sem darmos por isso, num canto do coração. Soube que centenas de pessoas se embrulharam nos cobertores e se meteram debaixo da cama!

Rápido, na minha mente, o rufar de tambores vindos de todos os *campos* de deslocados nesta Angola grande... *Campos*... — grande lua a tapar o sol da justiça, o sol da liberdade, o sol do amor e de vida! Ai, se os feixes de luz irradiassem a paz até aos mais recônditos lugares das nossas matas e montanhas rochosas!...

Padre Telmo

Património dos Pobres

FOMOS ver, *in loco*, as obras nas casas dos Pobres que, ultimamente, vimos acompanhando. Uns, estão a começar a sua habitação de raiz; outros, vão fazendo melhorias na que possuem. Está, neste caso, a família de oito filhos com seis deles em casa. O pai, de desanimado que andava, ia afogando a sua consciência pela incapacidade de mudar o rumo à vida. Sofria, e com ele, toda a família.

Nesta visita, que lhes fizemos, vimos nele grandes mudanças e um novo ânimo que a sua vida adquiriu. Junto com um dos filhos ainda adolescente, «danado para trabalhar» como nos disse, já fizeram muito trabalho com a ajuda em materiais que lhes demos. É uma cozinha e também um quarto para este filho; é uma escadaria que conduz ao piso superior onde vai ficar um quarto para as filhas e o novo quarto para os pais; são as paredes, os revestimentos, o telhado... tudo por mão deles.

Não deixarão de ser pobres; estão, sim, a ganhar condições mais humanas de vida, e, sobretudo, outra dignidade no seu viver.

Vimos de lá mais obrigados a mantermos-nos a seu lado e a assisti-los nas suas necessidades que permanecem.

Foi, também, com grande satisfação que vimos lançada a construção da casa da família que tem um casal de filhos pequenos. Quando estivemos com eles a primeira vez, o filho-rapaz, passara o tempo todo a pregar

um prego à parede velha da casa. Agora, com a casa nova em construção, terá mais razões para querer ajudar.

«Queríamos, já, metermo-nos lá dentro!», expressou-se ansiosamente o casal, tal o desejo de ver concluído o seu novo lar. Também nós gostaríamos de os ver a habitar a nova casa ainda este ano.

A esposa cuida dos filhos e, nas horas mais livres, vai chegando os materiais para junto da obra. O marido, trabalha como pode, durante a semana. A saúde não é muita. Aos fins-de-semana, juntam-se a eles um ou dois companheiros de trabalho e a obra avança. São doze metros por nove, num só piso, onde haverá as divisões indispensáveis à vida de uma família.

Foi com a promessa de regressarmos em breve que nos despedimos. Os seus sorrisos eram sinais de confiança no bom andamento dos trabalhos na casa, e do carinho com que os mesmos estão a ser feitos.

Do que são capazes os Pobres! Que saber e potencialidades eles têm! Mas precisam de uma mão que os apoie e incentive e lhes dê o que a sua indigência carece.

Enriqueçamo-nos mutuamente, partilhando dos nossos bens; assim podemos dar vida àqueles que vivem adormecidos sem esperança, fazendo nascer o sol onde as trevas reinam.

Padre Júlio